
Editorial

A revista *Informática na Educação: teoria e prática* busca estudar as relações instituintes estabelecidas pelos objetos técnicos em nossa sociedade sem reduzi-los a uma mera ferramenta voltada a um fim específico. A tecnologia adentra, aqui, o âmbito das relações sociais, inserindo-se nos processos de subjetivação assim como em outros elementos da nossa cultura. Não pretendemos com isso negar o caráter também instrumental da tecnologia, mas sim ampliar a complexidade do escopo do seu estudo respeitando a heterogeneidade inerente à questão: da produção de objetos técnicos ao estudo das redes sócio-técnicas. Nesse número, nos propomos a problematizar os agenciamentos híbridos entre três fluxos na construção de um dispositivo de pesquisa e produção das subjetividades no contemporâneo: a imagem, a tecnologia e a educação. Esses se unem em uma heterogênese que cria novas tendências transformadoras no campo da pesquisa, da arte e da educação.

Os primeiros três artigos, que enunciaremos a seguir, convergem, ao redimensionarem as relações entre a memória e as imagens, no ensino e na pesquisa, a partir da sua transformação pelas novas tecnologias da informação. A flexibilidade e complexidade acrescidas no encontro com as imagens pela sua virtualização possibilitam experimentações nos modos de ver e lembrar. Vemos, desta forma, que não se trata de uma simples transposição pragmática de suportes, mas sim da transformação nos modos de nos relacionarmos com o mundo e nós mesmos: mais abertos a jogos problematizadores, com as tensões criadas nas novas relações entre séries divergentes antes segmentadas em um espaço e tempo extensivos.

Assim, no *Em Foco* apresentamos o artigo *Cidade e Imagens: Memória coletiva na cultura urbana contemporânea na forma de coleções etnográficas em novas tecnologias*, de Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert, o qual, a partir da experiência desenvolvida pelos pesquisadores do Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV), reflete sobre as possibilidades arregimentadas pelas novas tecnologias para a pesquisa antropológica ao proporcionar uma estratégia mais integrativa, criativa e interativa para a organização de coleções etnográficas a partir dos seus diferentes suportes: da fotografia, vídeos, textos e sons. Essas experimentações etnográficas em novas tecnologias constituem uma rede fluída de circulação e compartilhamento do conhecimento, a qual possibilita uma perspectiva crítica transversal sobre a produção escrita antropológica. Também perscrutando as potências críticas e educacionais do agenciamento entre as imagens e as tecnologias virtuais, Esequiel Rodrigues Oliveira, no artigo *Narrativas visuais, identidade e tecnologia: a iniciação científica no ensino médio*, apresenta a pesquisa CAp Identidade: espaço e memória virtual, através da qual intenta criar, com alunos do ensino médio, objetos que ampliem o olhar sobre a memória e o patrimônio afetivo de seus sujeitos, promovendo a construção do conhecimento em uma perspectiva autônoma. Por fim, levando adiante a reflexão da imagem e seus dispositivos tecnológicos de criação, em *Somos Imagem: O Mundo é Imagem*, Patrícia Gomes Kirst e Tania Mara Galli Fonseca utilizam os autores Gilles Deleuze e Henri Bergson para problematizar a imagem mesma, buscando localizá-la em sua complexidade, discutindo-a relacionada aos conceitos de afecção e duração, tornando possível pensá-la para além da representação.

Seguindo a reflexão sobre a imagem e suas práticas de produção a partir de seus dispositivos técnicos específicos, problematizando a potência transformadora da poética visual nos processos de subjetivação, os quatro artigos seguintes debruçam-se sobre contextos específicos das práticas de produção imagéticas focando as relações entre estas e seus autores em uma cartografia das metodologias criadas neste agenciamento. A constituição das imagens, dos conceitos e dos sujeitos se dão de forma híbrida em uma ressonância conjunta indissociável nesta dobra do existir com a arte e a ciência.

Em *Experiência de si e autoria: articulações teóricas a partir de oficinas de fotografia*, as autoras Vanessa Maurente e Cleci Maraschin apresentam uma estratégia metodológica, a partir da noção

foucaultiana dos jogos de verdade, baseada na produção de imagens fotográficas disparada por uma pergunta feita a jovens em tratamento em um centro de saúde mental em Porto Alegre: como experienciam a si mesmos neste determinado contexto político/ institucional? Aproximando-se ainda mais do campo de discussão da arte, o artigo *Práticas Híbridas e Alquimia: considerações sobre a fotografia através dos processos fotográficos históricos*, de Andréa Brächer discute a partir do seu próprio processo criativo os conceitos de "práticas híbridas" e "alquimia" através dos Processos Fotográficos Históricos. Também investigando as potências da poética no seu próprio processo de criativo, Maria Raquel da Silva Stolf em *Assonâncias de silêncios – entre a palavra pênsl e a escuta porosa*, problematiza a elaboração do CD de áudio *Assonâncias de silêncios a partir de reflexões acerca dos conceitos de silêncio e das relações entre assonância e repetição*. Já Claudia Zimmer de Cerqueira Cezar, em *Série Cartografia do Meio e Outros Meios*, elabora uma cartografia poética sobre os conceitos de meio e semivisível, a partir de uma série de fotos elaborada pela autora.

Seguindo, por sua vez, com a reflexão sobre as novas possibilidades engendradas pelas tecnologias virtuais na educação, apresentamos uma nova série de quatro artigos que se propõem agora a discutir as possibilidades do Chat na educação à distância a partir de uma análise bakhtiniana das interlocuções que nestes ocorrem. Sempre tendo em vista a transformação dos processos de construção do conhecimento ao apostar na potência destas tecnologias para promover a transversalização colaborativa do mesmo: ultrapassando as segmentações hierárquicas da individualização e da díade professor-aluno a um só tempo.

No artigo *Dinâmicas interacionais textuais no Chat: análises gráficas com aporte da teoria da linguagem de Mikhail Bakhtin*, os autores Augusto Maurer, Paloma Dias Silveira e Tania Bischoff elaboram um estudo das tecnologias para a educação, focando nas interações textuais entre usuários por meio de um Chat para visualizar as dinâmicas das interações dialógicas entre os sujeitos: princípio da formação de enunciados. Seguindo a mesma linha, o terceiro artigo deste volume da revista, *O Chat como espaço de (inter)locuções: uma leitura a partir das idéias de Bakhtin*, de André Luis Marques da Silveira, Magale Machado e Simone Bicca Charczuk, analisa diversos aspectos das conversações em um Chat a partir de diversos conceitos do referido autor, concluindo que o chat pode ser considerado um canal propício para discussão e construção conceitual que permite a expressão singular dos participantes nos seus enunciados escritos.

Do mesmo modo, o artigo *Análise das interações em uma ferramenta síncrona sob a ótica bakhtiniana*, de Claudia Zank, Cristiani de Oliveira Dias, Lilian Johann, Karla Marques da Rocha e Evandro Alves, investiga os aspectos dialógicos e autorais em conversas síncronas em um ambiente virtual para pensar as potências desta tecnologia para o desenvolvimento de trabalhos coletivos que promovam a construção cooperativa do conhecimento. Por fim, no artigo *Interações em ambiente virtual de aprendizagem*, Luciana Lunkes, Maribel Susane Selli e Camila Camargo Prates buscam identificar e analisar as formas de interação em ambiente virtual de aprendizagem (chat) entre alunos e professor e entre alunos, concluindo que em ambos os chats, com e sem a presença do professor, os alunos interagem entre si, provocando reações uns nos outros, com a finalidade de manterem a comunicação, um diálogo efetivo entre eles e também com o professor, pois as intervenções eram acolhidas com o mesmo cuidado se pertinentes ou não à discussão.

Neste volume, portanto, não apresentamos apenas a descrição de uma multiplicidade de campos onde a arte ou a educação se encontram com a tecnologia, mas antes operamos interferências diversas entre linhas de pesquisa-intervenção que, por si só, já eram híbridas. Nessa verdadeira heterogênesse de um campo problemático sem limites claros estabelecidos: a tecnologia e a educação se vertem em arte na pesquisa e pesquisa na arte, entre outras combinações possíveis que delatam a origem impura de cada uma destas áreas. Imagem, tecnologia e educação agenciam-se aqui na perspectivação de um outro mundo possível a se abrir na contemporaneidade: uma nova tecnologia dos sensíveis nos dá corpo.

Luis Artur Costa

Tânia Mara Galli Fonseca